



Universidade de Brasília
Instituto de Relações Internacionais
Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais
XV Curso de Especialização em Relações Internacionais

A reação Norte-Americana ao programa Ciência sem Fronteiras

Guilherme Medeiros Viana

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção
do título de Especialista em Relações Internacionais

Orientadora: Professora Doutora Ana Flávia Granja e Barros

Brasília

2014

RESUMO

Como reagem os EUA, a maior potencia mundial científica, ao programa Ciência sem Fronteiras do Governo Brasileiro? O artigo busca avaliar a reação norte-americana ao programa brasileiro de mobilidade para ciências exatas, o Ciência sem Fronteiras (CsF). Para isto, buscou-se investigar o andamento das relações bilaterais Brasil-Estados Unidos, no que antecederam o lançamento do programa brasileiro e no que ocorreu após o seu lançamento. Ainda, o programa Csf foi apresentado, no que diz respeito a sua concepção e objetivos, operacionalização e números alcançados até o momento, com destaque a números referentes aos estudantes com destino aquele país. Foram identificados os principais atores envolvidos, entre eles, o Governo Norte-Americano, instituições internacionais parceiras do Governo Brasileiro, Consórcios Educacionais e Instituições de nível superior nos EUA interessadas no programa de mobilidade. Conclui-se que a reação do governo norte-americano e demais instituições foi rápida, positiva e prática, contribuindo para o sucesso do programa em números e parte de seus objetivos.

Palavra chave: Brasil, Estados Unidos, Ciência sem Fronteiras.

ABSTRACT

How does the U.S.A., the largest scientific power, react to the Brazilian's Government program Science without Borders? This article aims to evaluate the American reaction to the Brazilian mobility program for hard sciences, the Ciência sem Fronteiras. For this purpose, it was investigated how the bilateral relations among these two countries evolved, in what refers to its precedents and what took place after its announcement. Still, the program CsF was presented, in what refers to its conception, objectives, operationalization, numbers that have been reached, highlighting the numbers related to students with USA as their destiny. Added to that, main actors involved were identified, among them the United States Government, International institutions for the education that partnered with the Brazilian Government, higher education institutions in the U.S., considered interested in the mobility program. It was concluded that the American reaction based on its government actions and institutions was timely, positive and practical, contributing to the success of the program and, consequently, to its objectives in some extent.

Keywords: Brazil, United States, Brazilian Scientific Mobility Program, Sciences without Borders.

1. Introdução

No Brasil, encontrou-se identificado um déficit de profissionais nos campos das engenharias, assim como baixa participação na pesquisa em engenharia no mundo, quando comparados a outros países emergentes (TELLES, 2009). A falta de acesso à tecnologia de ponta durante a formação, com conseqüente comprometimento do desenvolvimento tecnológico brasileiro em todos os seus aspectos, contribui para menor competitividade do país no meio internacional. Tal constatação está relacionada com a baixa internacionalização das instituições brasileiras, constatada por representantes de Universidades brasileiras. Segundo Renato Pedrosa, matemático e coordenador do grupo de estudos de ensino superior da Unicamp, “A baixa internacionalização das universidades brasileiras é uma falha gritante” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013). A afirmação foi feita durante debate sobre ensino superior promovido pela Folha de São Paulo em 2013. Segundo a Folha de São Paulo (2013):

(...) a opinião de Pedrosa foi consenso entre os participantes da mesa, que incluía Carolina da Costa, diretora acadêmica da graduação do Insper (Instituto de Ensino e Pesquisa) e Rogério Meneghini, cientometrista, docente aposentado da USP e responsável pela medição de produção científica da segunda edição do RUF (Ranking Universitário Folha), lançado no mesmo dia.

A internacionalização é considerada essencial por muitos autores para a sobrevivência e desenvolvimento das universidades, estando sujeitas em caso contrário, ao estudo de problemas que ignoram o conhecimento já adquirido pela humanidade em centros de referência e limitando a visibilidade dos trabalhos brasileiros no exterior, diminuindo a validade da produção acadêmica nacional.

A maioria absoluta das Instituições Federais de Ensino Superior no Brasil apresenta indicadores muito baixos de internacionalização. Poucas apresentam resultados expressivos e consistentes de internacionalização e, mesmo as IFES que se destacam, apresentam percentuais modestos de mobilidade internacional se

comparadas a universidades de classe mundial (ANDIFES, 2011). A baixa internacionalização das instituições brasileiras de nível superior condiz com o baixo número de estudantes internacionais nos campi brasileiros, em comparação a outros países na América Latina e no resto do mundo (ANDIFES, 2011).

Tal fato pode ser justificado, em parte, pela situação atual das universidades, onde há disponível uma pequena população de estudantes proficientes na língua inglesa, língua oficial das publicações científicas internacionais, assim como em outras línguas utilizadas comumente nos meios acadêmicos.

Nesse sentido, o programa Ciência sem Fronteiras foi concebido no ambiente doméstico, como resposta desta urgência em desenvolver capital humano qualificado e aumentar a internacionalização das universidades e centros tecnológicos no Brasil, além de incrementar o número de universitários falantes da língua inglesa.

O lançamento do programa Ciência sem Fronteiras ocorreu em julho de 2011, após visita do Presidente Barack Obama ao Brasil, onde a educação ocupou espaço considerável na agenda. A Presidente Dilma lançou o programa com olhos àquele país e se comprometeu a enviar 100.000 estudantes brasileiros para as melhores universidades no mundo, nas áreas temáticas identificadas pelo Governo Brasileiro como prioritárias: Engenharias e demais áreas tecnológicas; Ciências Exatas e da Terra; Biologia, Ciências Biomédicas e da Saúde; Tecnologia Aeroespacial; Fármacos; Produção Agrícola Sustentável; Petróleo, Gás e Carvão Mineral; Energias Renováveis; Tecnologia Mineral; Biotecnologia; Nanotecnologia e Novos Materiais; Tecnologias de Prevenção e Mitigação de Desastres Naturais; Biodiversidade e Bioprospecção; Ciências do Mar; Indústria Criativa (voltada a produtos e processos para desenvolvimento tecnológico e inovação); Novas Tecnologias e Engenharia Construtiva; Formação de Tecnólogos. Ressalta-se que é o maior programa deste tipo no Brasil e comparável em porte a poucos no mundo.

Atualmente e desde o lançamento do programa, os EUA é o país que mais hospeda estudantes e aparentemente, o país mais interessado, ou preparado, para recebê-los. Os EUA, gigante da educação, mostrou destreza e rapidez ao acionar suas instituições, mostrando-se talvez, o mais competitivo no jogo de atração de talentos e por consequência, recebendo mais de 9.000 estudantes brasileiros, enquanto o segundo país a receber mais estudantes está apenas próximo a 5.000 (BRASIL,

2014). A atração de talentos é fator central neste contexto, ao que influencia na qualidade e diversidade dos trabalhos acadêmicos naquele país, nas áreas citadas.

O trabalho busca identificar e caracterizar o contexto e os principais atores e fatos que se envolveram na concepção e operacionalização do programa. Ainda, apresentar o programa Ciência sem Fronteiras do Governo Brasileiro, identificando objetivos oficiais, justificativas, órgãos responsáveis envolvidos e seus papéis, assim como números representativos para compreensão da amplitude do programa. Este ainda se contextualiza em meio a importantes fatos diplomáticos entre os dois países que culminaram no lançamento do programa, mostrando que o contexto em que se dá se relaciona com o desenvolvimento das relações diplomáticas entre esses países e a busca por ações práticas. Este trabalho apresenta o programa brasileiro na ótica norte-americana, considerando o programa num contexto de iniciativas globais norte-americanas promovidas há longa data em muitas partes do mundo. Por fim, busca avaliar, por meio de análise de dados primários e secundários, a reação norte-americana ao programa brasileiro em termos de repercussão, mobilização e atos de autoridades relevantes, instituições públicas e privadas, assim como universidades, para responder a seguinte pergunta: Como reagem os EUA?

A pesquisa se justifica pela necessidade de entender o programa na ótica da hiperpotência mundial por meio da reação de suas instituições. A necessidade surge da rara publicação existente quanto ao assunto, de estudos nacionais que buscam entender o programa na ótica dos demais países envolvidos. Sendo os Estados Unidos da América considerados o grande gigante da educação, este estudo justifica a escolha deste país como referência, tanto pela influência que teve no lançamento do programa, quanto ao fato de ser o país que mais recebe estudantes em suas universidades, nos níveis de graduação e pós-graduação. Uma reação positiva traz o Brasil aos radares da hiperpotência. Ademais, favorece o programa, sua operacionalização e cumprimento dos objetivos. Consequentemente, contribui para a estratégia brasileira de atender a interesses nacionais. Ainda, aquece e consolida as relações bilaterais entre Brasil e o EUA para cultura, educação, ciência e tecnologia. Uma reação negativa, ou ainda, uma reação positiva, mas sem reação prática, enfraquece o programa de governo quanto aos seus objetivos qualitativos e quantitativos e não contribui ao cumprimento dos objetivos que visam interesses e

urgências nacionais. Também pouco acrescentaria às relações internacionais entre os dois países em termos de cooperação em educação, mobilidade estudantil, ciências e tecnologias.

O objetivo primário do presente artigo é avaliar a reação dos EUA ao programa Ciência sem Fronteiras do Governo Federal Brasileiro e identificar se a reação foi positiva ou negativa. O objetivo secundário é identificar os principais fatos, processos e atores envolvidos na concepção e operacionalização do programa, tanto do lado brasileiro, quanto do lado norte-americano.

Tal análise buscou apresentar antecedentes nas relações bilaterais entre os dois países, passando pelo lançamento do programa até o presente momento. Foi investigado como o lançamento do programa foi divulgado entre instituições de ensino norte-americanas e como o governo dos Estados Unidos e instituições norte-americanas envolvidas reagiram de forma prática ao programa, ou se reagiram.

O cumprimento dos objetivos propostos permitiu responder à questão sobre como o Governo dos Estados Unidos e instituições públicas e privadas norte-americanas envolvidas reagiram, como responderam ao programa brasileiro de mobilidade internacional de estudantes e ainda, caracterizar a reação com base nas ações que forem identificadas.

Este artigo utilizou dados primários provenientes de fontes oficiais norte-americanas e brasileiras que demonstram alguma reação ou mobilização prática em relação ao programa, por parte dos EUA. Dados secundários foram consultados a fim de embasar, corroborar e incrementar o que se sabe sobre o assunto. Os dados foram obtidos por meio de levantamento e revisão de publicações oficiais dos atores envolvidos, discursos de autoridades, comunicados oficiais e pronunciamentos de representantes dessas instituições, de reportagens oficiais, de agências, de consórcios entre outras partes envolvidas consideradas relevantes. Foram consultadas as instituições envolvidas para se entender o posicionamento diante do programa. Ainda, foram consultadas universidades norte-americanas que hospedam estudantes brasileiros, a fim de entender canais de comunicação utilizados para divulgação do programa, identificar a que tempo tal informação foi recebida, sinais de mobilização interna em direção à atração de estudantes financiados pelo governo brasileiro, além de motivadores que contribuem para o jogo de atração desses estudantes.

2. As Relações Bilaterais Brasil – Estados Unidos para a Educação, Ciências e Tecnologias

Segundo o Departamento de Estado dos Estados Unidos (2012), o Presidente Barack Obama anunciou em 2009, a iniciativa “*100.000 Strong – China*”, que pretendia aumentar consideravelmente o número de estudantes norte-americanos estudando na China. Em março de 2011, anunciou no Chile a iniciativa para a América Latina. Antecedendo o lançamento do programa, o Presidente Obama, de forma ambiciosa e prevendo o aumento considerável nos fluxos de alunos entre universidade dos EUA e para os EUA, lança a iniciativa “*100.000 Strong in the Americas*”. Iniciativa tão ambiciosa quanto a brasileira, capaz de estabelecer números em seus objetivos, tornando as iniciativas mensuráveis.

Neste contexto, a reação norte-americana será avaliada, tendo em vista que o programa brasileiro é complementar à iniciativa de Barack Obama, confiante em um país já preparado para o incremento na mobilidade. As autoridades brasileiras inspiraram-se da iniciativa norte-americana em larga medida. Logo a premissa central é que o programa Ciência sem Fronteiras e a reação norte-americana estão intimamente ligados às relações bilaterais já existentes entre Brasil e Estados Unidos para o desenvolvimento e a integração continental.

Em 2012, a Universidade de Brasília recebeu a visita de John Holdren, diretor da Divisão para Políticas em Ciência e Tecnologia da Casa Branca. Ele esteve no Brasil para III Reunião da Comissão Mista Brasil-EUA de Cooperação Científica e Tecnológica e proferiu palestras sobre “Desafios e oportunidades para os Estados Unidos e Brasil em Ciência, Tecnologia e Inovação.” Segundo Holdren, a cooperação entre Estados Unidos e Brasil começou na década de 50, quando o intercâmbio entre pesquisadores começou incentivado pelo programa Fulbright, criado em 1946. Ainda segundo Holdren, entre 1960 e 1970, houve um fortalecimento das relações entre universidades, cientistas e academias de ciências. Em 1984 um acordo em ciência e tecnologia foi assinado e é quase automaticamente renovado até hoje, desde o ano 2000. Os governos passaram a lançar iniciativas conjuntas, como o Comitê Consultivo Agrícola, Grupo Consultivo sobre Energia,

Grupo de Trabalho sobre Saúde Pública e Grupo de Coordenação para Avançar a Cooperação em Biocombustíveis (HOLDREN, 2012).

Segundo a Embaixada dos Estados Unidos no Brasil (2013), em março de 2010, os dois países reafirmam a parceria para educação, estabelecida por meio do Memorando de Entendimento para Educação, em 1997 e 2007. Ainda de acordo com a Embaixada, os dois países compartilham informações e expandem a cooperação em áreas, como excelência educacional, diversidade, igualdade nas oportunidades para educação, avaliação, indicadores e *accountability*. A cooperação também busca ser expandida no desenvolvimento profissional para professores, administradores e técnicos na área de educação, assim como para o ensino de Inglês e Português como segunda língua, cooperação entre *community colleges* nos EUA e institutos federais brasileiros, além de cooperação e mobilidade entre instituições de nível superior (EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS NO BRASIL, 2013). As *community colleges* são instituições de nível superior que, de forma geral, possuem caráter inclusivo e contam com financiamento público (AMERICAN ASSOCIATION OF COMMUNITY COLLEGES, 2014).

Outro ponto chave são iniciativas entre os países para o diálogo, a exemplo do *U.S -Brazil Global Partnership Dialogue (GPD)*, criado em 2010 em encontro do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a Secretária de Estado Hillary Clinton e o Ministro Celso Amorim. Foi motivado pela intensidade de acordos e entendimentos entre os dois países, em diversas áreas (EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS NO BRASIL, 2010). O *GPD* daria suporte e contexto para outros diálogos de alto nível entre as nações e buscaria acelerar as discussões nas agendas bilaterais, regionais e globais. Na ocasião, ficou decidido que os diálogos ocorreriam anualmente em ambos os países, alterando a cada ano (EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS NO BRASIL, 2010). Segundo a Embaixada Norte-Americana (2010), os ministros concordaram que as iniciativas conjuntas para ciências, tecnologias e inovação precisavam ser vistas como estratégicas nas relações entre os dois países, onde se objetiva expandir a pesquisa conjunta e atividades de desenvolvimento.

Segundo o Itamaraty, em 2011, a Presidenta Dilma Rousseff e o Presidente Barack Obama determinaram a realização de reuniões regulares dos mais

importantes diálogos entre os dois países. Nesse contexto, o Ministro das Relações Exteriores Antônio de Aguiar Patriota e a Secretária de Estado Hillary Clinton convocaram em 1º de junho de 2011 a segunda edição do *GPD*, precedidos de reuniões de alto escalão, acerca de ciências, tecnologias, meio-ambiente, educação e cultura. Nesta ocasião, os participantes conceberam um Plano de Ação com medidas concretas para fortalecer o intercâmbio de estudantes nos níveis de graduação e pós-graduação, nas áreas de ciência e tecnologia e outras disciplinas afins, bem como para engajar a sociedade civil e o setor privado no treinamento de uma força de trabalho capacitada (DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS, 2012).

A convite do Presidente Barack Obama, a presidente Dilma Rouseff fez visita oficial aos EUA em abril de 2012, para serem discutidos o relacionamento recorrente entre os dois países sobre uma gama de assuntos bilaterais, regionais e multilaterais. Os líderes expressaram satisfação em uma parceria construtiva e balanceada. Baseada em confiança mútua que existia entre os dois países, as duas maiores democracias nas Américas. Segundo a Casa Branca, a fim de formar uma parceria Brasil-Estados Unidos para o Século 21, os líderes reviram o progresso das reuniões do GDP (THE WHITE HOUSE, 2012).

A terceira edição do *GPD* ocorreu no dia 16 de abril de 2012, quando a Secretária de Estado dos Estados Unidos da América, Hillary Clinton, visitou o Brasil e encontrou-se com Ministro das Relações Exteriores, Antônio de Aguiar Patriota (BRASIL, 2013). Foram examinados também neste encontro, temas de interesse global, entre eles a Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável (Rio+20), questões de paz e segurança internacionais e a reforma de instituições multilaterais (BRASIL, 2013).

Na quarta edição, em 24 de outubro do mesmo ano, a Secretária de Estado dos Estados Unidos da América, Hillary Clinton, encontrou-se com Ministro das Relações Exteriores, Antônio de Aguiar Patriota em Washington, DC. Nesta ocasião, ambos reafirmaram a formação de uma parceria Brasil-Estados Unidos para o século 21 entre os governos e os povos das duas nações (DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS, 2012).

Concluindo as ações conjuntas entre os dois países, podem ainda ser citadas as reuniões da Comissão Mista Brasil-EUA de Cooperação Científica e Tecnológica que completavam 18 anos de existência na ocasião (EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS NO BRASIL, 2012). Segundo a Embaixada Norte-Americana, no encontro ocorrido em março de 2012, representantes de mais de uma dúzia de agências de governo e de pesquisa se encontraram com seus pares brasileiros para discussões sobre inovação, gestão de desastres, padrões de mensuração, saúde pública e ciências marítimas. Também, foi discutido o papel feminino nas ciências, além de discutirem o programa Ciência sem Fronteiras, com vistas ao estudo e condução de pesquisa em ciências, tecnologias, engenharias e matemática (DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS, 2012).

Pode-se entender o programa do governo brasileiro como uma resposta ao andamento e o contexto das relações internacionais bilaterais entre Brasil e Estados Unidos. Ainda, responde à intensificação para o desenvolvimento das Ciências e Tecnologias, dentro do âmbito mais amplo dos *GPDs* e da parceria Brasil-Estados Unidos para o século 21, ocorridos em 2012. Como foi verificado, tais parcerias ditaram a reação norte-americana ao que se refere a operacionalização do programa naquele país, reação positiva e alinhada à visão estratégica dada ao assunto.

3. O Programa Ciência sem Fronteiras

O programa foi lançado no ano de 2011, e segundo a Casa Civil (2011), a presidente Dilma Rousseff, na companhia da ministra-chefe da Casa Civil Gleise Hoffman, do ministro da Ciência e Tecnologia, Aloizio Mercadante e do ministro da Educação, Fernando Haddad, assinou em dezembro daquele ano o decreto nº 7642, que regulamenta o programa, com meta de oferecer até 2014 cerca de 100.000 bolsas de estudos para estudantes e pesquisadores nas áreas tecnologia e inovação (CASA CIVIL, 2011).

Segundo a Casa Civil (2011), a presidente Dilma na ocasião mencionou o compromisso do país em elevar a competitividade do Brasil por meio da Ciência. Em sua primeira fase, o programa beneficiou estudantes de graduação para instituições de ensino superior dos Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha, Itália e França,

oferecendo oportunidades em cursos de graduação na modalidade graduação-sanduíche, quando estudantes cursam em média um ano no exterior. Na ocasião, a previsão é que cada um dos países recebesse, para a graduação, até 2014, 10 mil bolsas. Para os EUA, a previsão seria de 18 mil bolsas. Ainda segundo a Casa Civil, o primeiro edital do CsF selecionou em caráter experimental candidatos que iriam exclusivamente para os EUA, recebendo em torno de 7000 inscrições e selecionando aproximadamente 1500 estudantes. Já nesta ocasião, era prevista a possibilidade para alunos frequentarem cursos de idiomas nos países de destino (CASA CIVIL, 2011).

O artigo 1º do decreto presidencial, assinado em dezembro de 2011, estabelece que as ações empreendidas no âmbito do Programa Ciência sem Fronteiras seriam complementares às atividades de cooperação internacional e de concessão de bolsas no exterior desenvolvidas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, do Ministério da Educação, e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2011). O artigo 2º estabelece os objetivos do programa. Em primeiro lugar, consta a promoção, por meio da concessão de bolsas de estudos, de conferir a estudantes brasileiros a oportunidade de novas experiências educacionais, voltadas para qualidade, empreendedorismo, competitividade e inovação nas áreas prioritárias e estratégicas para o país. Entre demais objetivos, há o de criação de oportunidades para a cooperação entre grupos de pesquisa brasileiros e estrangeiros nas áreas de ciência, tecnologia e inovação, além da promoção de internacionalização dos centros de pesquisa e instituições de ensino superior brasileiras. O artigo 2º ainda cita como objetivo proporcionar maior visibilidade internacional à pesquisa acadêmica e científica brasileira, contribuir para o aumento da competitividade das empresas brasileiras e estimular e aperfeiçoar as pesquisas aplicadas no País (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2011).

O artigo 3º prevê a existência de convênios, acordos de cooperação, ajustes ou outros instrumentos congêneres com órgãos e entidades da administração pública federal, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, bem como entidades privadas. Nos demais artigos, o decreto esclarece as competências de cada órgão, no caso, Ministério da Educação e Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, de

ações para operacionalização do programa, assim como acordos e parcerias a serem firmados com instituições internacionais (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2011).

Desde o seu lançamento, o programa tem apresentado avanços em sua operacionalização. Em um dos anúncios mais recentes, o Ministro da Educação, Aloisio Mercadante, afirmou que o oferecimento de bolsas na modalidade de Mestrado Profissional, prevendo em uma chamada inicial, 1000 bolsas destinadas aos EUA (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2013).

Para se entender a dimensão do programa e resultados obtidos até o momento, assim como a definição do foco deste artigo, são apresentados a seguir números relativos ao programa, onde o país objeto do estudo, os Estados Unidos, desponta entre vários outros países referência em educação de nível superior atraindo um alto número de estudantes em diversas modalidades de bolsa.

Em agosto de 2013, na ocasião de feira educacional do *EducationUSA*, foram reunidas 53 universidades norte-americanas em Brasília. Se tratando de evento de recrutamento de estudantes, universidades ali presentes possuíam interesse no mercado brasileiro. Representantes da Capes e CNPq foram convidados a apresentarem o programa, em sessão reservada, a representantes de universidades norte-americanas. Foram apresentadas conquistas do programa até o momento, com o foco em números que destacam a presença de estudantes brasileiros naquele país, financiados pelo governo federal ou empresas parceiras do programa. A apresentação trouxe ao conhecimento de todos os presentes os números atualizados sobre o programa.

Na ocasião, foram apresentados números revisados, referentes aos objetivos de concessão de bolsas por modalidade (Tabela 1), números quanto à participação de empresas na concessão de bolsas (Tabela 2), números de bolsas concedidas até aquele momento, por modalidade (Tabela 3) e número de bolsas concedidas por país (Tabela 4), com destaque ao número de bolsistas estudando nos EUA. Ainda, trouxeram informações acerca das bolsas concedidas nos EUA, assim como das instituições nos Estados Unidos que mais recebem estudantes (Tabelas 5 e 6). Também neste evento, foi divulgado o Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras, da onde foram retirados números atualizados para este trabalho.

Tabela 1: Objetivos revisados, em número de bolsas por modalidade a serem concedidas:

Modalidades de bolsa	Quantidade de Bolsas
Graduação Sanduíche	64.000
Doutorado Sanduíche	15.000
Doutorado Pleno	4.500
Pós-Doutorado	6.440
Treinamento de Especialistas no Exterior	7.060
Atração de jovens talentos	2.000
Pesquisadores visitantes	2.000
Total	101.000

Fonte: CNPq, apresentado em 31 de agosto, 2013.

Do total das 101.000 bolsas previstas para o programa, 1000 a mais do que o previsto em seu lançamento, partes delas, aproximadamente um quarto, seriam oferecidas por empresas privadas, que teriam o interesse em investir na formação de profissionais qualificados em áreas prioritárias e cujo déficit nacional de profissionais nessas áreas, afeta diretamente a competitividade das mesmas:

Tabela 2: Participação de empresas no financiamento das bolsas:

Empresas	Quantidade de Bolsas
FEBRABAN-Capes	6.500
CNI-Capes	6.000
ABDIB - CNPq	5.000
Petrobras-CNPq	5.000
Eletrobrás-Capes/CNPq	2.500
VALE-Capes	1.000
Total	26.000

Fonte: CNPq, apresentado em 31 de agosto, 2013.

A participação de empresas norte-americanas se concentra na concessão de estágios para estudantes que frequentaram as universidades. Tais empresas serão apresentadas de acordo com dados do *Institute of International Education*.

A tabela 3 apresenta o total de bolsas concedidas para todos os países no âmbito do programa Ciência sem Fronteiras, no momento da coleta dos dados:

Tabela 3: Número de bolsas concedidas por modalidade:

Modalidades de bolsas Concedidas	Quantidade de Bolsas
Graduação Sanduíche	35.299
Doutorado Sanduíche	4.815
Doutorado Pleno	1.355
Pós-Doutorado	2.625
Total	44.094

Fontes: Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras, acessado em 10 de fevereiro, 2014.

A tabela 4 apresenta a distribuição das bolsas nos diversos países participantes no programa, despontando em 1º lugar os EUA, com um total de bolsas concedidas que supera a soma dos 2º e 3º colocados em número de estudantes hospedados, Reino Unido e Canadá, respectivamente:

Tabela 4: Bolsas concedidas por país:

Bolsas Concedidas por país	Quantidade de Bolsas
Estados Unidos	9.926
Reino Unido	5.178
Canadá	4.758
França	4.446
Austrália	3.449
Alemanha	3.459
Portugal	3.007
Espanha	2.854
Itália	2.168
Hungria	1.275
Outros Países	3574
Total	44.094

Fontes: Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras, acessado em 10 de fevereiro, 2014.

Tabela 5: Modalidades de bolsas concedidas nos EUA:

Bolsas Concedidas nos EUA	Quantidade de Bolsas
Doutorado Pleno	191
Doutorado Sanduíche	1.474
Pós-Doutorado	846
Graduação Sanduíche	7.415
Total	9.926

Fontes: Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras, acessado em 10 de fevereiro, 2014.

As bolsas já concedidas nos EUA (Tabela 6) englobam diferentes níveis de ensino superior, com grande concentração de bolsas concedidas no nível de graduação, na modalidade graduação sanduíche, modalidade em que estudantes já vinculados às universidades brasileiras, matriculados em cursos de graduação, têm a oportunidade de cursar um ano acadêmico nos EUA, além de participarem de estágio em empresas relacionadas às áreas estudadas:

Tabela 6: Bolsas concedidas nos EUA por instituições:

Bolsas Concedidas por Universidade	Quantidade de bolsas
Sistema de Universidades da Califórnia	588
Universidade Estadual de Nova Iorque	325
Sistema de Universidades Estaduais da Califórnia	211
Universidade da Florida	204
Sistema de Universidades de Wisconsin	184
Sistema de Universidades do Nebraska	182
Sistema de Universidades de Illinois	177
Sistema de Universidades do Missouri	157
Universidade Estadual do Arizona	136
Instituto de Tecnologia de Illinois	130
Sistema de Universidades do Texas A&M	116
Universidade Purdue	106
Universidade Estadual de Michigan	104
Universidade de Harvard	103
Outras	7.203
Total	9.926

Fontes: Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras, acessado em 10 de fevereiro, 2014.

A partir dos números apresentados na Tabela 6, percebe-se que a variedade de universidades que recebem estudantes brasileiros é grande, não estando concentrados em pequeno grupo de instituições.

4. A Reação Norte-Americana

4.1 Governo dos Estados Unidos: Departamento de Estado e de Comércio dos Estados Unidos, , Comissão Fulbright e EducationUSA

A fim de avaliar a reação norte-americana, foram levantados dados referentes às ações diplomáticas relacionadas a operacionalização do programa CsF, instituições norte-americanas de ensino superior e consórcios, assim como instituições de fomento e gestão de bolsas acadêmicas, como a Comissão *Fulbright* no Brasil, o *Institute of International Education – IIE* e Escritórios do *EducationUSA*.

A análise começa por ações oficiais do governo norte-americano, missões de estado, programas criados e expandidos pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos em parceria com o Governo Brasileiro, além de ações da Comissão *Fulbright* no Brasil e Escritórios do *EducationUSA*, que tem como objetivo promover o entendimento mútuo entre os países por meio da educação. Em um segundo momento são apresentadas as ações do *IIE* e *LASPAU*, instituições parceiras do governo brasileiro para administração das bolsas nos EUA, que incluem a divulgação do programa nos EUA, a inscrição de universidades norte-americanas e empresas para o recebimento de estudantes brasileiros e a colocação dos estudantes brasileiros nas diferentes instituições de ensino superior nos EUA. Por fim, são apresentados os resultados da consulta realizada a grupo representativo de instituições norte-americanas de nível superior em visita ao Brasil, em evento de recrutamento de estudantes brasileiros.

Quanto às ações do governo norte-americano, um exemplo prático de reação se dá pela intensificação dada aos diálogos para cooperação na educação após o lançamento do programa, assim como pelo incremento de programas já existentes que contribuem para o atingimento de seus objetivos.

De acordo com o *Bureau of Western Hemisphere Affairs*, o Presidente Brarack Obama e a Presidente Dilma Rousseff compartilham um compromisso em relação à parceria inovadora para educação em busca da capacitação da força de trabalho necessária para o século 21. Ambos os presidentes estabeleceram objetivos

complementares para a educação internacional. Ainda segundo o governo norte-americano, ambos os países acreditam que a prosperidade de seus países está intrinsecamente ligada à educação de seu povo e enriquecida pelo compartilhamento de experiências acadêmicas em outros países (DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS, 2012).

Em agosto de 2012, o subsecretário para o Comércio Internacional, Francisco Sanchez, liderou a maior missão voltada para educação na história norte-americana, contando com 66 instituições de ensino. A missão foi uma ação conjunta entre os Escritórios *EducationUSA* e Departamento de Estado dos Estados Unidos e a Administração de Comércio Internacional do Departamento de Comércio norte-americano. (INTERNATIONAL TRADE ADMINISTRATION, 2012).

Em Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro, a delegação explorou oportunidades para o recrutamento de estudantes internacionais, intercâmbios e parcerias com instituições de educação de nível superior. A missão incluiu reuniões com instituições educacionais do governo e feiras educacionais em cada uma das cidades. Visitas adicionais e conexões foram feitas em escolas de ensino médio, e associações interessadas. Em Brasília, Sanchez se encontrou com líderes dos Ministérios do Desenvolvimento e Comércio, Ciência e Tecnologia, Inovação e Educação, assim como com líderes da CAPES. Em São Paulo, encontrou-se com líderes de universidades, líderes do empresariado e também com o Comitê Olímpico no Rio (INTERNATIONAL TRADE ADMINISTRATION, 2012).

O Departamento de Comércio promove a educação nos Estados Unidos como um serviço (INTERNATIONAL TRADE ADMINISTRATION, 2012), e Francisco Sanchez chama a atenção para a excelente reputação do sistema universitário norte-americano em todo o mundo:

“International students seeking top quality educations are drawn to the United States to take advantage of the high-value programs offered by our colleges and universities,” Sánchez said. “Education is a growing service export for the United States and supports American jobs. The 66 schools participating in this mission provide a broad range of programs and degrees and every time they recruit international students, it helps put money back into the university and the community.”

Segundo o Departamento de Comércio dos Estados Unidos, a educação e o treinamento estão ranqueados entre os 10 serviços mais exportados. Taxas escolares e gastos para manutenção de estudantes internacionais e suas famílias trouxeram em torno de 21 bilhões de dólares à economia norte-americana durante o ano acadêmico de 2010-2011. Estudantes brasileiros seriam responsáveis por 257 milhões deste total (INTERNATIONAL TRADE ADMINISTRATION, 2012).

Dentre os aspectos identificados que refletem reação por parte do governo norte-americano, adicionam-se as missões destinadas à promoção das instituições norte-americanas a expansão e criação de programas com objetivo de incrementar os números de estudantes brasileiros optantes pelos EUA como destino para estudo.

Exemplos, de acordo com a Embaixada dos Estados Unidos no Brasil (2012), podem ser citados como a expansão do Programa *Fulbright* para Professores Assistentes de Língua Estrangeira. Tal programa, uma parceria entre o Departamento de Estado dos Estados Unidos e o Governo Brasileiro, promove o estudo da língua portuguesa e a cultura brasileira nos EUA, além de encorajar estudantes americanos a estudar no Brasil. Educadores brasileiros atuam como nativos da língua portuguesa em sala de aula e em atividades culturais ao passo que buscam os próprios estudos em Pedagogia, desenvolvimento de currículo e aprendizado do Inglês em instituições de ensino superior nos EUA (EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS, 2012).

Outro exemplo é o English³ (Inglês ao cubo), um programa de imersão em Inglês, onde a Embaixada dos Estados Unidos no Brasil, em parceria com um consórcio de 38 Centros Binacionais em todo o país, prepararam gratuitamente ao menos 125 estudantes para a vida acadêmica nos EUA, por meio de programas intensivos e de imersão. Segundo o Ministério das Relações Exteriores, por meio da coligação da Coligação de Entidades de Educação e Cultura Brasil-EUA, destinou US\$ 200 mil à iniciativa (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS, 2012). Tal programa teve como foco estudantes universitários de baixa renda em todo o Brasil e permitiu acesso a aulas de Inglês para incremento da fluência, assim como para a preparação para o TOEFL, prova exigida para ingresso em programas acadêmicos nos EUA. O programa foi direcionado a incentivar a candidatura destes estudantes ao programa CsF do Governo Federal. Outros programas de língua Inglesa foram criados e intensificados a partir da missão e incluem o *English Access*

Program, também para estudantes de baixa renda e o *UP with English*, com foco em estudante brasileiro em situações de risco em favelas no Rio de Janeiro, visando capacitação para eventos como as Olimpíadas (EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS NO BRASIL, 2012).

Entre outros fatos marcantes da reação do governo norte-americano ao programa, vale destacar o *Visa Day*, iniciativa que contribuiu para operacionalização da emissão dos vistos de intercâmbio de grandes grupos de estudantes com destino aos EUA. Em eventos promovidos em parceria com a CAPES e o CNPq, *EducationUSA* e *IIE*, a Embaixada dos Estados Unidos no Brasil deu as boas vindas aos estudantes, fechando a seção consular para atendimentos em geral, com dedicação exclusiva à recepção e emissão dos vistos de intercâmbio para os bolsistas do Ciência sem Fronteiras. Como parte do evento os alunos brasileiros receberam palestras e orientações sobre o sistema de educação superior norte-americano, em diferentes ocasiões (CAPES, 2011).

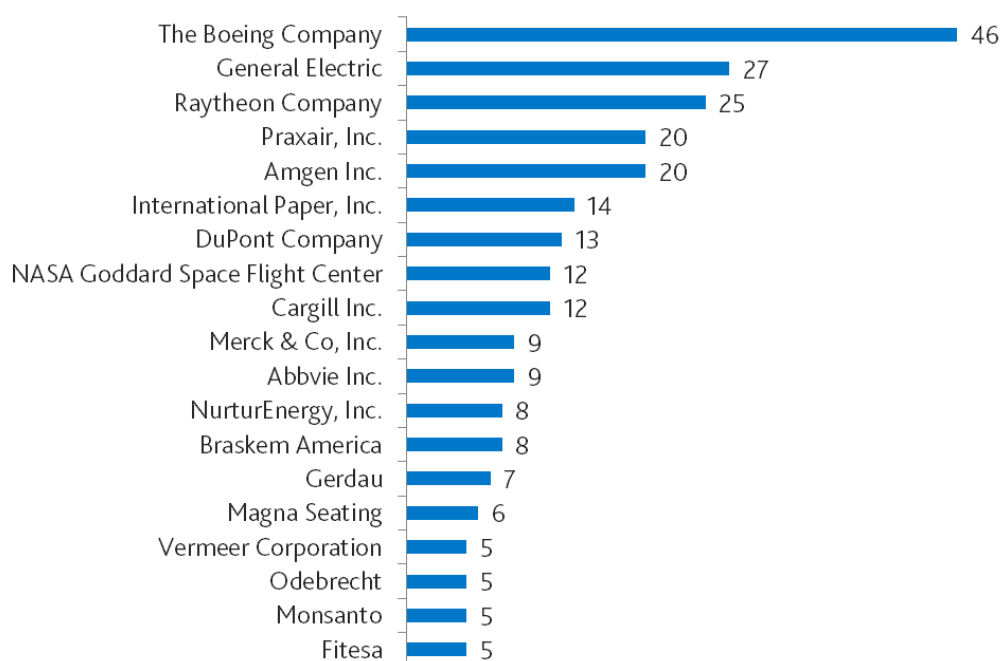
4.2 Agências parceiras: *Institute of International Education* e LASPAU

O *Institute of International Education* – *IIE* está entre maiores organizações com experiência em educação internacional no mundo. Trata-se de uma organização independente sem fins lucrativos, fundada em 1919. Tem como missão avançar o acesso a educação internacional em todo o mundo, por meio da gestão de bolsas de estudo, treinamentos, intercâmbio e programas para a liderança. Ainda, conduz pesquisa e facilita políticas e diálogos no contexto da educação de nível superior. Desde 1927, o *IIE* estabeleceu centenas de programas de bolsas com a América Latina, incluindo experiência recente ao administrar o *USAID Brazil Energy Training and Outreach Program* no Brasil (MONKS, 2013).

Segundo Monks (2013), o *IIE* trabalha de perto com o governo brasileiro na divulgação do programa entre instituições norte-americanas, na colocação de estudantes brasileiros e preparação destes estudantes para a vida acadêmica nos EUA. Trabalha em conjunto com consulados no Brasil para facilitar o processamento dos vistos de intercâmbio, estabelecendo uma ponte entre o governo brasileiro e instituições norte-americanas de ensino superior, sendo responsável pelos

formulários para solicitação destes vistos. Em nome da CAPES e CNPq, emitem os pagamentos dos custos acadêmicos dos estudantes junto às universidades, mediante o pagamento de taxas de administração do programa de bolsas que custeiam tais operações, assim como os pagamentos das ajudas de custo aos estudantes (MONKS, 2013).

De acordo com Monks (2013), o *IIE* identificou aproximadamente 300 parceiros institucionais para hospedarem estudantes em sua fase de estágio profissional:



Fonte: Monks, E. Institute of International Education, 2013.

Segundo Monks (2013), alguns fatores contribuíram para o sucesso do programa nos EUA. A atuação da Comissão *Fulbright* no Brasil estabeleceu uma base consistente para este sucesso ao estabelecer laços entre os dois países através de programas educacionais em longa data. Outro fator se daria pela flexibilidade das universidades norte-americanas, que responderam bem as demandas do *IIE* para atender à linha de tempo estabelecida pelo governo brasileiro e demonstraram entusiasmo para dar as boas vindas a estudantes brasileiros nos campi e estabelecendo programas especializados para estes alunos. O *IIE* dá destaque ao apoio dado pelo Departamento de Estado norte-americano, ao trabalhar junto a

Embaixada dos Estados Unidos no Brasil para facilitar a emissão de vistos em larga escala. Entre outros fatores, destaca a atuação dos escritórios do *EducationUSA* pela promoção ativa do programa do Governo Brasileiro, a assistência prestada a estudantes, o compartilhamento de informações sobre o sistema educacional norte-americano e sobre o processo de inscrição, ao organizar sessões informativas e colaboração junto ao *IIE* para disseminar informações quando necessário. Entre outros fatores, Monks (2013) destaca a reputação do sistema norte-americano de nível superior e o alto perfil dos parceiros corporativos, onde a presença de professores de destaque, modernidade das instalações e vida no campus, são atrativos para estudantes brasileiros. Ainda, destaca a colaboração estreita com a CAPES e o CNPq, permitindo comunicação aberta e soluções rápidas para problemas que podem ocorrer (MONKS, 2013).

A LASPAU tem papel semelhante ao *IIE*, com foco nas chamadas públicas que selecionam estudantes para as chamadas no nível de Doutorado. Trata-se também de instituição sem fins lucrativos filiada à Universidade de Harvard. Fundada em 1964 e dedicada a fortalecer o ensino superior nas Américas, LASPAU tem, segundo a instituição, uma longa história de cooperação com o governo brasileiro, em universidades e no setor privado. A organização administra atualmente programas acadêmicos para uma ampla seleção de principais instituições, incluindo o Programa *Fulbright* para Estudantes Estrangeiros do Departamento de Estado dos Estados Unidos, a Organização dos Estados Americanos (OAS) e os governos de vários países da América Latina (LASPAU, 2012).

A instituição assinou acordos com a CAPES e CNPQ para promover a cooperação nas áreas da ciência e da tecnologia (LASPAU, 2012) e permitiu operacionalização da concessão de bolsas para este nível, que somado ao nível da graduação, compõe mais de 98% das bolsas concedidas nos EUA.

4.3 Universidades Norte-Americanas e Consórcios

Segundo o consórcio de universidades liderado pela *Northern Virginia Community College*, ou *NOVA*, a parceria feita com o governo brasileiro ajudou a CAPES a expandir o alcance da iniciativa brasileira (NOVA, 2013). Trata-se de um

consórcio de *Community Colleges*, sendo esta iniciativa a primeira a atender alunos dos cursos formadores de tecnólogos, setor que seria equivalente aos das *Community Colleges* nos EUA (NOVA, 2013). O memorando da parceria foi assinado na edição de 2012, na conferência de Parceria Brasil-EUA para o Século 21 (NOVA, 2013).

Outro grupo de universidades que estabeleceu parcerias com o governo brasileiro e permitiu expansão e diversificação do programa foi o das Universidades Historicamente Negras, ou *HBCUs*. De acordo com matéria publicada na *HBCU Digest* em 2013, a parceria é parte da Aliança Brasil-*HBCU*, programa criado para aumentar o número de minorias graduadas e profissionalizadas nas indústrias da Ciência, Tecnologia e Matemática, ao passo que expõe estudantes brasileiros negros e colegiados à pesquisa de sucesso dentro de um contexto de racismo e discriminação histórica e sistêmica. Ainda segundo o *HBCU Digest*, a aliança seria um desmembramento do Plano de Ação conjunta Brasil-EUA para igualdade racial, desenvolvida pela Casa Branca nas *HBCUs* e administrada em parceria com a CAPES (HBCU DIGEST, 2013).

Segundo Lesesne (2013), para dar suporte ao Plano de Ação Conjunta para Eliminação da Discriminação Étnica – JAPER, o governo brasileiro concordou em enviar aproximadamente 1000 estudantes para universidades historicamente negras. Ainda segundo Lesesne, as *HBCUs* preparam esforços para acomodar uma média de 30 a 50 estudantes em cada universidade selecionada. O Brasil compartilha com EUA um passado similar quanto ao fato de ambos os países terem sido destino de escravos africanos e, portanto, dependerem fortemente de ações afirmativas no sistema educacional (LESESNE, 2013).

A presidente da Aliança *HBCU*-Brasil, Joan Robinson, de acordo Lesesne (2013), avalia a situação pós-escravidão como barreira para afrodescendentes ingressarem no ensino superior:

“[Brazilians] are looking to see what we have done. We [African-Americans] have done a lot after the Civil War. So, we want to make sure that many of the Afro-Brazilians, while also the descendants of slaves, will get an opportunity to go to college.”

Segundo Meldon Hollis, Diretora-Associada para iniciativa da Casa Branca para *HBCUs*, de acordo com Lesesne (2013), sendo o Brasil o país com maior número de afrodescendentes em todo o hemisfério ocidental, parece o mais lógico que uma grande porção de estudantes brasileiros afrodescendentes tivesse sua experiência de intercâmbio em *HBCUs*, considerando uma situação “ganha-ganha”. (LESESNE, 2013).

Ainda Segundo Lesesne (2013), com a ajuda de agências como o *IIE*, a Aliança Brasil-*HBCU* já aprovou 34 instituições de ensino para participarem no programa brasileiro de mobilidade. Das 34, de acordo com Lesesne, as mais proeminentes que aceitaram estudantes foram a *Howard University*, *Morgan State University*, *North Carolina A&T University*, *Jackson State University*, *Southern State University* e *Dillard University*. Segundo Lesesne (2013), enquanto muitas outras foram incluídas no programa, as citadas seriam as que responderam mais rapidamente e efetivamente para serem incluídas e que, segundo o governo brasileiro, de acordo com Lesesne (2013), possuíam programas fortes nas áreas temáticas do CsF, entre outros programas que acomodariam as necessidades de estudantes internacionais. Dentre o pré-requisito mais importante destas instituições, é que possuam programas fortes de Inglês como segunda língua.

4.4 Avaliação dos Questionários aplicado às Universidades Norte-Americanas

Na 2ª edição da Feira EducationUSA em Brasília, em 31 de agosto de 2013, 15 universidades norte-americanas foram consultadas, afim de se entender seus posicionamentos oficiais em relação ao programa brasileiro de mobilidade estudantil. Em questionário aplicado, buscou-se entender se seus representantes conheciam o programa, se sim, quando tiveram conhecimento e por que canais de comunicação. Foi perguntado se haveria uma pessoa em suas instituições responsável pela operacionalização do programa, se foi criado um cargo específico para este fim e se houve algum esforço em especial, como uma força tarefa. Ainda, buscou-se identificar fatores que serviriam como motivadores, entre eles, a atração de talentos, necessária para alta qualidade no ambiente acadêmico, a busca por incremento na

diversidade ou incremento nos negócios e geração de renda, advindos do recebimento maciço de estudantes totalmente financiados.

Das universidades entrevistadas, todas afirmaram conhecer o programa de mobilidade do governo brasileiro. Ainda, quanto ao período em que ficaram sabendo da existência do programa, 53,34% (8 representantes) responderam que ficaram sabendo no 1º semestre de 2011, logo em seu lançamento. Do total, 2 universidades, ou 13,34% afirmaram que tomaram conhecimento no 2º semestre de 2011. Ainda, 4 representantes, ou 26,67%, no 1º semestre de 2012 e 1 representante no 1º semestre de 2013.

Quanto ao meio de divulgação pelo qual ficaram sabendo do programa, os representantes poderiam ter mais de uma resposta. Do total, 8 ou 53,34% dos entrevistados responderam que tiveram conhecimento por meio de comunicação do *IIE*. Dos 15, 4 representantes responderam que tiveram notícia pela *Association of International Educators – NAFSA*, uma associação de educadores internacionais que organiza a maior feira do mundo no setor. Entre outras respostas, alguns afirmaram terem tido notícia do programa dentro da própria instituição pelo escritório de relações internacionais, pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos ou pela mídia, de forma geral.

Quanto à mobilização interna na instituição, 100% confirmaram haver uma pessoa responsável pelo programa em sua instituição, das quais 53,34% afirmaram ser o responsável por admissões internacionais, programas globais ou escritório de relações internacionais e cooperação da Universidade. Entre outras respostas, estaria encarregado o Diretor de Admissões, coordenadores das faculdades de ciências naturais e diretores gerais. Do total, 86% (13) responderam não ter sido criado um cargo específico para o programa e 26,67% responderam ter havido uma força tarefa como reação ao programa.

Quanto aos fatores motivadores para uma reação ao programa, foram dadas 3 opções a serem ordenadas, além de opção “outros” a ser completada pelos representantes, caso as alternativas apresentadas não explicassem uma motivação. As opções oferecidas foram: atração de estudantes talentosos, promoção de diversidade no campus e oportunidade de bons negócios para a instituição. Do total, 53,34% (8) colocaram como primeira opção a atração de estudantes talentosos. Dos 15, 4 ou

26,67% colocaram como primeira opção, a promoção de diversidade no campus como primeiro fator motivador. O fator bons negócios ficou na terceira posição para 60% das instituições, em primeiro lugar para 1 deles e em segundo lugar para outro. Um optou por não listar “bons negócios como fator motivador” e 1 representante disse estarem os três fatores apresentados no mesmo nível, não havendo ordenamento entre eles.

5. Considerações finais

Tendo visto o exposto, pode-se concluir que a reação norte-americana foi positiva e pode ser percebida pelas diferentes óticas e reações de suas instituições, governamentais, acadêmicas e não governamentais.

Pode-se dizer pelos números, que parte do sucesso do programa se deve a grande quantidade de estudantes brasileiros atraídos aquele país, que se mostrou preparado para acionar instituições para atração de talentos. A reação positiva contribui para o atingimento de muitos dos objetivos do programa brasileiro. Como exposto nas relações bilaterais Brasil-Estados Unidos, percebe-se que o programa é uma iniciativa complementar a de Obama, que já contava com um aumento significativo de estudantes internacionais nos campi norte-americanos especialmente vindos da América Latina, devido a iniciativa lançada do *100.000 Strong in the Americas*. A reação positiva observada se justifica visto o histórico nas relações entre os países, relações que evoluíram os diálogos ao estabelecimento de programas com metas e resultados mensuráveis.

O governo dos Estados Unidos reagiu de forma positiva e prática, ao encarar educação nas instituições de nível superior norte-americanas como um serviço de exportação e, portanto, envolvendo missões oficiais, engajamento de diferentes departamentos de governo, como o Departamento de Comércio, e mudanças na rotina de instituições envolvidas com imigração, tendo em vista excelente oportunidade de incrementar receitas em sua balança de serviços. Ainda, por já haver uma base sólida de cooperação com o Brasil e programas instaurados em longa data, teve a seu favor poder expandir tais iniciativas, além de criar outras visando mitigar possíveis barreiras ao envio de estudantes brasileiros, tendo como o baixo nível de

proficiência por meio de programas no Brasil e nos EUA para aperfeiçoamento na língua, configurando reação positiva. Além disso, no contexto de reação, soube promover o grande ativo, que são as universidades norte-americanas, entre as mais internacionalizadas do mundo, com instalações de ponta e capital humano extremamente qualificado e reconhecido.

Para as universidades, como observado, o programa brasileiro permite a diversificação de renda e das nacionalidades presentes nas universidades nos Estados Unidos, contrabalanceando a presença de grandes números de alunos de uma mesma nacionalidade, além de reforçar os diálogos para a cooperação científica, com financiamento substancial do Governo Brasileiro. Desta forma, evidencia-se forte motivo para reagir positivamente e de maneira prática ao programa brasileiro.

As instituições parceiras, *IIE* e *LASPAU*, puderam reagir rapidamente, devido ao grande destaque dado ao programa pelo governo dos Estados Unidos e disposição do Governo Brasileiro ao estabelecer números ambiciosos. Ao oferecer um serviço de alta qualidade e especializado, permitiu a administração de um número alto e inédito de bolsas, no contexto do Brasil. À prévia atuação na América Latina, mostra haver um caminho já percorrido e a proximidade de atuação junto a instituições de ensino nos EUA permitiu a divulgação entre universidades norte-americanas, além de galgar a participação de empresas renomadas a se disporem para hospedar estudantes brasileiros em estágios, contribuindo para tornar o país um destino ainda mais atrativo para candidatos ao programa, livres para escolherem a que países concorrer por uma bolsa.

A existência de consórcios contribui para expandir e diversificar o CsF, incluindo grupos extensos de instituições norte-americanas de ensino, atraindo estudantes do ensino tecnológico e estudantes já agraciados por ações afirmativas, com a possibilidade de cursos de inglês e treinamento pré-acadêmico, aumentando ainda mais os possíveis destinos dentro dos EUA, assim como ampliando a massa de estudantes interessados em de fato, aplicar para uma das chamadas com destino àquele país. Tal reação contribuiu em números e diversidade quanto aos objetivos do programa.

Como observado na pesquisa feita com as universidades, a grande maioria dos representantes destas tiveram conhecimento do programa no mesmo ano que este

foi lançado, dispondo ao governo brasileiro um número inicial considerável de instituições como possíveis destinos para estudantes. O fato destas universidades já possuírem um alto nível de internacionalização em seus campi, contribuiu para uma reação rápida e positiva. Não havendo necessidade, para maioria delas, em se criar novos cargos para administração interna dos alunos do programa, uma capacidade já instalada pode ser utilizada, havendo presença, em 26,67% dos casos, de uma força tarefa para atender aos alunos do CsF. Ainda, o alto nível de internacionalização já coloca nos objetivos destas instituições a constante por diversidade, sendo esta considerada pelo grupo um dos principais motivadores. A atração de talentos, outro motivador selecionado em maioria, agrega ao capital humano destas instituições, partindo do pressuposto que se trata de alunos brasileiros vindos das melhores universidades brasileiras, selecionados entre muitos e totalmente financiados.

A intermediação de empresas como *IIE* e *LASPAU*, busca principalmente a operacionalização do programa e efetivação das bolsas de estudo, sob uma visão do governo norte-americano focada no serviço educação de nível superior. Por outro lado, não permitiu uma maior aproximação e diálogo direto entre as universidades brasileiras e seus pares norte-americanos em sua reação. Não foram localizados números que comprovem diretamente sinais de cooperação entre estas instituições ou incremento nos níveis de internacionalização das instituições brasileiras.

Portanto, percebe-se que os EUA, representado neste estudo por Governo e Instituições Educacionais norte-americanas, reagiu rapidamente e efetivamente ao programa brasileiro. A reação é marcada por ações práticas por parte dos vários atores, contribuindo para o sucesso do programa CsF, consolidando relações bilaterais correntes e levando o Brasil aos radares da potência educacional.

Referências:

AMERICAN ASSOCIATION OF COMMUNITY COLLEGES. **About Community Colleges.** Washington, DC. Disponível em: < <http://www.aacc.nche.edu/ABOUTCC/Pages/default.aspx>>. Acessado em 12 de fevereiro 2014.

ANDIFES. **Internacionalização das/nas IFES brasileiras. Levantamento CGRIFES 2011.** Brasília, 2011. Disponível em:< <http://www.andifes.org.br/wp->

[content/files/flutter/CGRIFES - Levantamento sobre internacionalizacao das Ifes brasileiras.pdf](#) >. Acessado em 17 de fevereiro de 2014.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Portal Ciência sem Fronteiras: Candidatos ao CSF podem ter curso de Inglês com bolsa da Embaixada dos EUA.** Brasília, 5 de abril de 2012. Disponível em <http://www.dce.mre.gov.br/Noticias/04_2012.html> Acessado em 10 de fevereiro de 2014.

_____. **Visita ao Brasil da Secretária de Estado dos Estados Unidos da América, Hillary Clinton, Brasília, 16 e 17 de abril de 2012.** Abril de 2013. Disponível em: <<http://noticias.gov.br/noticias/noticiaGenerica/574207>> Acessado em: 13 de agosto de 2013.

_____. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação e Ministério da Educação. **Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras.** Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>>. Acessado em 10 de fevereiro de 2014.

CNPq. **Ciência sem Fronteiras – Brazilian Scientific Mobility Program.** Brasília, 31 de agosto de 2013. Apresentação PowerPoint com 20 slides.

CAPES. **Primeira chamada do Ciência sem Fronteiras tem mais de 7 mil inscritos.** Novembro 2011. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/servicos/sala-de-imprensa/36-noticias/5036-primeira-chamada-do-ciencia-sem-fronteiras-tem-mais-de-7-mil-inscritos>>. Acessado em 19 de julho de 2013.

CASA CIVIL. **Presidenta Dilma assina o decreto que regulamenta o Programa Ciência Sem Fronteiras.** Dezembro 2011. Disponível em: <<http://www.casacivil.gov.br/noticias/2011/12/presidenta-dilma-assina-o-decreto-que-regulamenta-o-programa-ciencia-sem-fronteiras-1>>. Acessado em: 17 de julho de 2013.

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS. **U.S.-Brazil Joint Commission Meeting on Science and Technology Cooperation.** Midia Note, Office of the Spokesperson Washington, DC, Março de 2012. Disponível em: <<http://www.state.gov/r/pa/prs/ps/2012/03/185628.htm>> Acessado em: 20 de setembro de 2013.

_____. **The United States and Brazil: An Education Partnership for the 21st Century.** Fact Sheet, BUREAU OF WESTERN HEMISPHERE AFFAIRS. ABRIL DE 2012. Disponível em: <<http://www.state.gov/p/wha/rls/fs/2012/187610.htm>> Acessado em: 20 de setembro de 2013.

_____. **Joint Statement from the Fourth U.S.-Brazil Global Partnership Dialogue.** Media Note, Office of the Spokesperson, Washington, DC. Outubro de 2012. Disponível em: <<http://www.state.gov/r/pa/prs/ps/2012/10/199575.htm>>. Acessado em: 20 de setembro de 2013.

_____. **100,000 Strong Educational Exchange Initiatives.** 2012. Disponível em <<http://www.state.gov/100k/>> Acessado em: 20 de setembro de 2013.

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS NO BRASIL. **Joint Communiqué: Meeting between Minister Celso Amorim and Secretary Clinton.** Março de 2010. Disponível em: <<http://brazil.usembassy.gov/amorimclinton.html>> Acessado em: 9 de setembro de 2013.

_____. **US-Brazil Global Partnership Dialogue: Education Strategy and Action Plan/Education and Cultural Working Group.** 2013. Disponível em: <<http://brazil.usembassy.gov/bilat-edu.html>> Acessado em: 9 de setembro de 2013.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Baixa Internacionalização de Universidades é falha Gritante.** Setembro de 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2013/09/1339699-baixa-internacionalizacao-de-universidades-e-falha-gritante-diz-pesquisador.shtml>> Acessado em: 25 de setembro de 2013.

HBCU DIGEST. **HBCUs to Welcome More Than 150 Brazilian Students in Exchange Program This Fall.** Março de 2013. Disponível em: <<http://hbcudigest.com/hbcus-to-welcome-more-than-150-brazilian-students-in-exchange-program-this-fall/>>. Acessado em: 15 de setembro de 2013.

HOLDREN, J. **Common Challenges & Shared Opportunities for the USA and Brazil in Science, Technology, and Innovation.** Brasília: Universidade de Brasília, 12 de Março de 2012. Apresentação PowerPoint com 25 slides.

INTERNATIONAL TRADE ADMINISTRATION. **Obama Trade Official to Lead Historic Education Trade Mission to Brazil: Record number of U.S. higher education institutions to join Under Secretary Sánchez.** Disponível em: <<http://www.trade.gov/press/press-releases/2012/obama-trade-official-to-lead-historic-education-trade-mission-to-brazil-080612.asp>>. Acessado em: 20 de setembro de 2013.

LASPAU. **LASPAU Signs Agreements for Scientific and Technical Cooperation with Brazil.** LASPAU Staff. , Fevereiro de 2012. Disponível em: <<http://www.laspau.harvard.edu/news/laspau-signs-agreements-scientific-and-technical-cooperation-brazil>>. Acessado em: 13 de outubro de 2013.

LESESNE, C. **HBCUs Increase International Presence by Hosting 1,000 Brazilian Students.** Janeiro de 2013. Disponível em: <<http://diverseeducation.com/article/50848/#>>. Acessado em: 15 de setembro de 2013.

MONKS, E. **IIE- 2013 Brazil Scientific Mobility Program A New Phase In U.S.-Brazil Educational Exchange.** Institute of International Education. Nova Iorque, 2013. Disponível em <<http://www.iie.org/Research-and-Publications/Publications-and-Reports/IIE-Bookstore/Brazil-Scientific-Mobility-Undergraduate-Program-United-States-2013>>. Acessado em: 20 de setembro de 2013.

NOVA. **Consortium led by Northern Virginia Community College partners with Brazilian government in Science Without Borders program.** Fevereiro de 2013. Disponível em: <<http://www.nvcc.edu/news/pr/2013/sci-borders.html>>. Acessado em: 20 de setembro de 2013.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Decreto nº 7642 de 13 de dezembro de 2011.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7642.htm>. Acessado em: 17 de julho de 2013.

TELLES, M. **Brasil sofre com a falta de engenheiros.** Revista Inovação em Pauta, Rio de Janeiro: FINEP, n. 6, Julho de 2009. Disponível em: <http://www.finep.gov.br/imprensa/revista/educacao6/inovacao_em_pauta_6_educacao.pdf>. Acessado em: 18 de Agosto de 2013.

THE WHITE HOUSE. **Joint Statement by President Obama and President Rousseff Office of the Press Secretary.** Abril de 2012. Disponível em: <<http://riodejaneiro.usconsulate.gov/pr-04092012-dilma.html>>. Acessado em: 29 de agosto de 2013.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **“Desafios em C&T são globais”, diz representante do governo norte-americano.** Março de 2012. Disponível em: <http://www.unbciencia.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=447:desafios-em-cat-sao-globais-diz-representante-do-governo-americano&catid=56:politica-cientifica>. Acessado em 16 de agosto de 2013.

WORLD EDUCATION SERVICES. **Trend in international student mobility.** Fevereiro de 2012. Disponível em: <<http://www.uis.unesco.org/Library/Documents/research-trends-international-student-mobility-education-2012-en.pdf>>. Acessado em: 25 de julho de 2013.